

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 65

SEGUNDA-FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 1905

E prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar
Anno..... 8\$000
Semestre..... 4\$000
Trimestre..... 2\$000

Brazil
Anno..... 52\$000 moeda fraca
Semestre..... 30\$000 " "

Territorios da união postal
Anno..... 10\$500
Semestre..... 5\$500



M. Paulo
A. S. Jorge & Comp.
Charutaria Lealada
Rua A. Bento

LISBOA
Empreza do jornal "O SECULO",
43-RUA FORMOSA-43

CASAS RECOMMENDADAS PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA - LISBOA

PÂTISSERIE
BENARD
104, Rua Garrett, 104
LIBRONE

Empresa Vinicola WENGESLAU
Succesores FONSECA, COSTA & C.
58, os melhores vinhos de uva, co-
shecidos. — Telefone n.º 97
Praça de Luis de Camões, 20

SAPATARIA
PARISIENSE
DE
Eduardo de Sousa
Calçado de todas as qualidades
55, R. de Santa Justa, 57

Automóveis FRUGOT. — São os de-
ta marca os mais numerosos em Portugal,
demonstrando assim a sua superioridade
facilmente. — A. Beauvauet & C.,
distribuidores da Casa Real e representantes ex-
clusivos. — Palácio Foz — Lisboa

VIUVA
Thiago da Silva & C.
ESTABELECIMENTO
de ferragens nacionais e estrangeiras
84, Praça de D. Pedro, 80
Officinas de serralheiro, dourador
metaes e nickelagem

100
Rua de Santo Antão, 2-A

Espelhos e vidros polidos
da Fabrica de S. Gobain
MARGOTTA FERREIRA & C.
36, Rua do Carmo, 38

NOVA PERIN
— CHA E CAFÉ —
Venda a grosso e a retalho
Especialidade em artigos de mercearia.
77 Largo de S. Domingos, 6, 8 e 7

CANDIEIROS
Electro-acetylene
GRANDE NOVIDADE
104, Rua do Arsenal, 104

SE QUEBREIS
empregar bem a vossa dinheira
compre sempre na sua UTILIDADE
José Braga & Commandita
Rua do Ouro, 180, 182 — Lisboa

Chronometre
ZENITH
O melhor relógio em ouro, prata e aço.
A venda em todas as relojoarias.

Novidades em chapéus de senhoras
e crianças
Preços razoáveis — J. J. B. Segurado
Satisfazem-se todas as encomendas
para a provincia
Rua do Carmo, 8 e 7 — Lisboa

Esplargadaria Central de O. Heitor
Ferreira
Armas para caça e tiro ao alvo dos
melhores fabricantes — Munições de 1.^a
qualidade.
3, Largo de Camões, 3

Não ha ninguém que apresente
bilhetes postaes
de mais fino gosto, da maior e mais com-
pleta novidade, e vende mais barato, que a casa
BOCHA da Rua do Arsenal, 66 — Lisboa

OURIVESARIA
e relojoaria
FLORINDO
COM
Officina annexa
98, RUA AUREA, 88

Os unicos seguros de vida
COM SORTEIO são os de
Equitativa dos E. U. do Brazil

Centro Colonial Typographic
Rua da Conceição da Gloria
Trabalhos em todos os generos
115 Preços reduzidos 80

Trabalhos á machina de escrever
Copias perfectas de qualquer documento.
Emprego Correspondencia Commercial
Rua Azeite, 140, 3.^a

Talheres de christofle
E mais artigos para mesa
JOSÉ ALZARDE
Rua Garrett, 8 A 18

SILVA CARVALHO
(PHARMACEUTICO)
46, Rua de Santo Antão, 52
Completo sortimento de artigos elasticos,
fundas, artigos para penas, esbarrilhados,
etc., etc.
Especialidades nacionaes e estrangeiras,
aguas medicinas, perfumarias, etc. 128

SANTOS
CAMISEIRO
Roupas brancas para homens
111 24, Rocio, 25

Vaccaria Camões
Leite puro de vacca mingado ou fervido,
proprio para crianças e doentes.
Enviado aos Cominillas
14, Praça de Luis de Camões, 18

VRING & C.A.
LIMITADA
Câmbio e papel de credito.
Praça do Municipio, 1, 1 e 2
121 Rua do Arsenal, 44 e 46

ARANHA & C.
Extravas completos
Secção de roupas brancas,
para homens e senhoras.
272, Rua Augusta, 270

RETROZARIA
DAVID (SORRENHO)
Sempre as mais recentes novidades
78, Rua Nova do Almada, 78

Papelaria Progresso
M. A. BRANCO & C. — Sortimento
completo de papéis, Indianas e estrangeiras.
181, Rua de Ouro, 155 — LISBOA

Pitta, Camiseiro
195, Rua Augusta, 197

FABRICA D'ITALIA
CHAPEUS para senhoras e crianças
L. V. FOMBELET
83, Rua do Carmo, 83 — LISBOA

Kermesse
de Paris
Completo sortimento de brinquedos,
Objectos de novidade para brindes,
perfumarias e varios artigos de
utilidade.
Rua do Principe (Avenida Palace)

TODOS OS PAES PREVIDENTES
DEVEM segurar a vida na
MUTUAL LIFE Praça dos Remolares

Vieira da Silva
ALFAYATE
Fazendas e artigos de luxo para homens
PALACIO FOX
Praça dos Restauradores, 28 e 30

COLCHOARIA
de Viuva Germano Quintão
PREÇOS LIMITADOS
Rua Serpa Pinto, 50

Pastelaria Marques
Almoços todos os dias das 10 as 2.
Porto janeyras, lanchas e sobras.
70, Chiado, 72 — Lisboa

BACALHAU
Por grosso e miúdo a preços
muito reduzidos, vende-se no ar-
mazem da
124
R. Nova de S. Domingos, 34

AMPLIACOES PHOTOGRAPHICAS
em Paris por intermedio da
AGENCIA PHOTOGRAPHICA
Vae preços e exposições.
Rua Aurea, 146, 3.^a

ELYSIOS SANTOS & C.A.
Mobilia e estofos
Chinellas para soteros, carpapas, ca-
pachos de carro e de arcaes, passadeiras, etc.
83 a 95, Rua Augusta, 83 a 93

PANORAMA DA PALESTINA

Rua Antonio Maria Cardoso, 1

O mais extraordinario trabalho artistico que se tem apresentado em Lisboa.

A pintura e esculptura dando a mais completa e exata ideia da realidade. Perfecta illustração d'uma viagem á terra Santa, á patria de Jesus Christo.

Todos os dias das 2 horas da tarde á meia noite

CASA AMIEIRO, SUCCESSORES

Telephone, 1110

ATELIER DE ALFAIATE

A. C. LOPES & C.

CONFECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS

LISBOA

55, Rua Ivens, 57, 1.º

FRANCISCO RAMOS LISBOA

1, Rua de Santo Antão, 5, (ao Rocio)—17, 18, 18-A, 188-B, Largo do Regedor, 19, 20 e 21, (ao Theatro de D. Maria)

Estabelecimento de ferragens, talheres, metaes brancos, ferramentas dos melhores fabricantes, louças esmaltadas e estanhadas francezas e inglezas
GRANDE SORTIDO EM TODOS OS SEUS GENEROS. IMPORTACÃO DIRECTA

PREÇOS EM COMPETENCIA COM AS PRINCIPAES CASAS

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA

CORRETOR **VIRGILIO DA COSTA**

Escriptorio — Rua de El-Rei, 112 e 114

O SEculo
NUMERO

DO NATAL

Publicação de luxo feita
nas officinas
do SEculo.
Gravadas a cores
pelos processos
mais modernos.

PREÇO 200 RÉIS

Está á venda em todas as livrarias, taba-
carias e kiosques de Lisboa e Porto, e em
todas as agencias d'O Seculo, nas provin-
cias, Africa e Brazil.

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA*

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zinecographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 1905

NUMERO 65



RAPHAEL BORDALLO PINNHEIRO

(Phot. de Bobone)

CHRONICA

Raphael Bordallo

Bordallo, que falleceu na passada segunda-feira pela madrugada, como se Deus o quizesse recolher à hora em que elle gostava de se recolher, foi sempre um espirito moço, cheio de bom humor e d'allegria sã, como nós os novos não temos, e como se quizesse ser coerente com a sua obra que durante trinta annos guardou a frescura, a leveza, a graça, o imprevisito e a nota satyrica, com seu quê d'offenbachismo, usados desde os seus primeiros trabalhos.

N'uma reunião de rapazes, ceando como era seu habito nos *restaurants* depois do theatro, parecia o mais novo, o mais rapaz, ria e entusiasticamente falava como se visse apenas d'uma gargalhada limpida e pereante e que, transbordando, se tivesse abstraído para n'um arregaño d'arte symbolisar uma graça nova toda original e differente da velha piada portugueza. Sabia fazer nolar os ridiculos d'uma assombrosa maneira, obrigava a rir e a rir bem, communicava com o seu lapis a hilaridade, como se cocegasse a Baixa, a Arcada, o paiz, o povo, esse *Zé Povo* que elle tão bem symbolison de cara de paschoa, chapen braguez, barbicha, pasnamento, bom sorriso como a indicar que tem melhor o estomago, com o seu fato de bricho e a albarda de pobre azemola que carrega com os fardos a paciência e a forca.

Bordallo não se parecia com mais ninguem, nem na palestra nem na obra; uma e outra identificavam-se e o artista não tinha na la nem de Forain, nem de Leandre, nem de Caran d'Ache: era Elle, Bordallo, bem original, bem portuguez e bom artista, homem privilegiado que tivera o condão de achar a formula do medicamento necessario a este povo: a gargalhada!

Os portuguezes que tem ainda o modo somnabatico que ficou atavicamente pelo dominio dos frades, o que juntam, com alguns seculos d'esse dominio, as difficuldades da existencia, o mal estar que vai por todo o paiz, carecem de rir para espalhar magmas, mas de rir franca e abertamente d'um ridiculo ou d'um homem, d'um caso ou d'um tyrante. Foi o que Bordallo soube dar-nos como se resuscitasse toda a nação que dormia sobre o livro de missa e recitava o *Noivado do Sepulchro*, lacrimosa e meio convencida do amor d'além tumulo. Elle chegou e a sua entrada equivalen a uma luz que entrasse n'um subterraneo, ou, melhor, a um bando alegre que, com castanholas e fatos de côres



A BÊNÇÃO DA BANDEIRA EM INFANTARIA 10—O PORTÃO DAS ARMAS

vivas, fosse foliar n'uma sacristia, acordando os ocios e obrigando a viver os que da vida se tinham esquecido.

O artista tinha sobretudo a observação miuda que o fazia impressionar n'um momento e a visão exaggerada que lhe fazia alongar o lado realmente defeituoso do sujeito, ou o ponto saliente do assumpto, para de seguida lhe dar extensão, mostral-o, deixando ver a parte ridicula por uma lente e conservando o resto da figura ou do acontecimento nas naturaes proporções, como se tivesse uma formula: *Inchar o grotesco!*

Era assim por exemplo que, mesmo falando de cousas da sua vida, achava sempre o lado caricatural, o pittoresco, e com o seu espirito de frondista a maneira revoltada de destruir pelo riso o que outros levariam a fio de espada. Lembra-vos por vezes aquelle genial bohemio Alexandre Dumas, tinha notas largas na conversação, trechos de rufila observação, bocados de ironia como no referirse á mocidade que via sem alegria, sem enthusiasmos, sem essa sagrada doidice que os vinte annos devem ostentar como um pendão; e dizia por vozes: *F—Vocês é que parecem o velho Bordallo e eu um rapaz!*

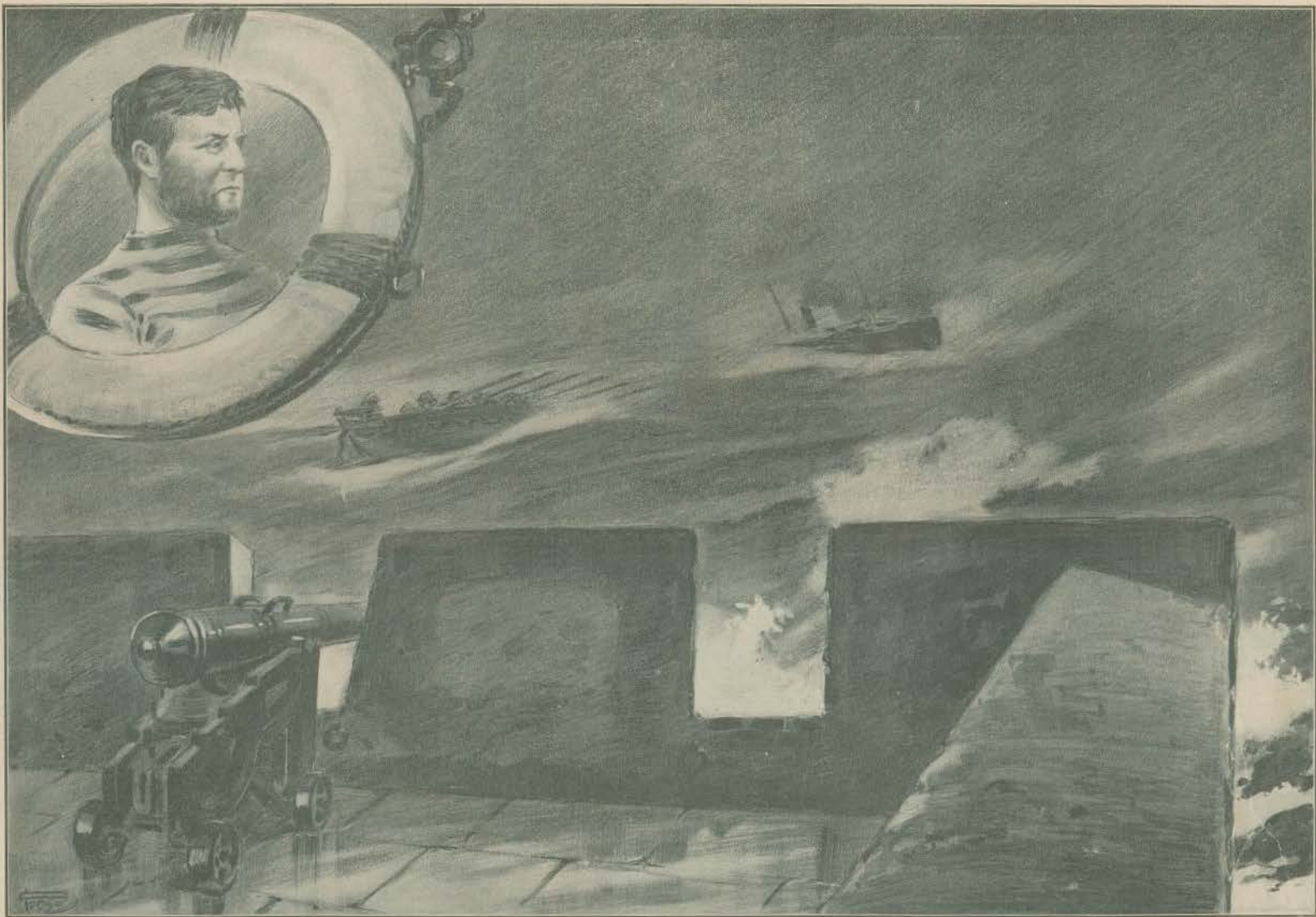
E assim era. Por isso, quando o fomos deixar ao cemiterio, iam os como se a alegria tivesse desaparecido de vez no espirito d'esta geração que o amava; o seu enterro foi acompanhado e desolador, o que não tem a maioria dos funeraes onde se vai de luvas pretas e chapen alto, n'uma tipoiã, d'espirito bem disposto como se levar o cadaver ao tumulo fosse apenas uma regra de delicadeza, uma funcção social a preencher.

Fomos a pé até aos Prazeres e todos sentimos a morte d'esse homem d'umas gerações anteriores, coberto de gloria e cheio de talento, que estavamos habituados a amar e a respeitar e que assim entrava no tumulo depois de ter com o seu lapis endabrado feito a chronica da vida portugueza com todas as suas misorias e com todos os seus ridiculos o que morrera bem seroamente por uma madrugada, como se Deus o quizesse recolher ás horas a que os bohemios, de coração largo e de largo espirito, vão de consciencia tranquilla e de riso na bocca a descansar.



A BÊNÇÃO DA BANDEIRA EM INFANTARIA 16—O REGIMENTO NA PARADA

ROCHA MARTINS.



O PATRÃO JOAQUIM QUIRINO

O *Cabeço de Pato* é um dos locais mais perigosos da barra e n'elle se deu o naufrágio do vapor *Lisboa*, que periclitava à praça de Oldemburgo e vizinhança de Marrocos, com escala por Lisboa. Como não metrasse piloto, por já ter recolhido a barca, e estivesse ceirração, o vapor foi bater nos baixios, ficando logo com um grande rombo.

A bordo estabeleceram-se um grande pânico e fizeram-se signaes de alarme

O NAUFRÁGIO DO VAPOR «LISBON» NOS BAIXIOS DE «CABEÇO DE PATO» — O ACCIDENTE VISTO DE S. JULIÃO DA BARRA

que foram vistos em S. Julião, de onde se dispararam tres tiros de peça. Em Paços d'Arcos ao ser ouvido o signal lançou-se logo ao mar o salva-vidas do commando do patrão Joaquim Quirino, filho do heróico patrão Joaquim Lopes. Organizando as ordens, rompendo com bravura por sobre o mar em direcção de Lisboa, onde já se encontravam a tripulação se lançavam da amurada, o patrão Quirino conseguiu salvar todos, e manobrou logo em direcção a Paços d'Arcos, sendo os naufragos res-

catados a bordo do vapor, na f' d'alfindoga, que os trouxe para Lisboa. O *Lisbon* desapareceu em instantes, perdendo-se toda a carga. É um vapor construído em Lisboa em 1901, tinha 1000 toneladas d'arqueação bruta e pertencia à Companhia Oldemburgo Portugueza de Danubio Rostero, sendo commandado pelo capitão José Gering. Tinha 13 macheteiros, 2 marinheiros e 2 pilotos.

A OBRA DE BORDALLO

Antes da sacração que o *Album das Glorias* e o *Antonio Maria* lhe trouxo, Raphael teve vida difficil e quiza avencinosa, sendo obrigado a deixar Portugal para ir procurar no Brazil a subsistencia, um certo hem estar que não podia tirar do seu lapis na nossa pobre, inculta e atrasada terra, então hem pouco affeita a surpresas d'arte e a progressos.

Fundou no Rio de Janeiro alguns jornaes de caricaturas e encontrou o seu collaborador litterario em Arthur d'Azevedo, o focundo e grande escriptor brasileiro.



RAMALHO ORTIGÃO
(Do *Album das Glorias*)

ro, ao tempo tambem em começo de carreira, cheio de audacia, de talento e de necessidades. Mas o Brazil não estava tambem preparado para receber com o seu outro o joven artista e se a gente mais illustrada não lhe rogasteu a paga e o applauso, o grosso publico, o que sustenta as publicações, desinteressou-se e Raphael veio de novo para Portugal onde recebeu após insano trabalho a glorificação.

E hem merecida gloria foi essa, porque Bordallo começou uma obra toda de analyse e de demolição. Entrara a achar os lados vulneraveis dos sujeitos, dos dominantes, e com uma coragem sublime foi a castigar-os por vozes com palmadinhas trocistas, gaiatamente iro-

nicas, outras com o chicote de tres cabos batendo-lhes até fazer espirrar sangue.

Mas d'uma forma ou d'outra, benevolamente a avisar ou indignado a zanzar, havia sempre tanto d'artistico nas



RAUPHAKL BORDALLO
Com o seu gato *Pirou* caricaturado por elle mesmo.

suas produções que se diria serem a obra d'um juiz de escola grega que mesmo executando a sentença a que condemnava o fazia com requinte de elegancia, de forma, de feitio, com grandieza e belleza, mostrando não só a justiça do que obrava, mas ainda a arte com que procedia.

O seu lapis fez emção no *Antonio Maria* e nos *Fantos* aos II a historia anecdotica e por vezes a historia a valor da vida portugueza. Jun-



ANTONIO DUARTE DA CRUZ PINTO
(Caricatura inédita feita por Bordallo a'nna segunda-feira passada e pertencente ao sr. José Ferreira de Moraes)

ou todas as tratantadas e levandadas. Todas as scenas da politica, que mais tarde na *Parodia* elle symbolisaria n'uma anafada porea, indicou d'uma original maneira todas as negociatas e todos os escandalos, não desmentindo jámal a sua audacia e sendo como um



MARLANNO DE CARVALHO
(Do *Album das Glorias*)

como lhe succedea ao acabar com o *Antonio Maria* mal com os partidos e bem com a consciencia. Escreveu então na derradeira pagina da publicação as razões por que acabava com ella, exactamente quando o publico começava a corresponder nos seus esforços. Lopo Vaz, o estadista de sombria memoria, promulgara a celebre *lei das rolhas*, que era um villipendio para a imprensa d'um paiz livre.

Propoz elle então que se encerrassem por oito dias as portas dos jornaes, que não se publicassem em signal de protesto. Gananciosamente doram-lhe a entender que o *Antonio Maria* nada soffreria, por ser semanal, e



EL-REI D. FERNANDO
(Do *Album das Glorias*)



ALEXANDRE HERCULASO

(Do *Cilicnar d'Achilles*)



O ACTOR TABORDA
(Do Album das Glorias)

elle, com o arrojio que o caracterizava, acabou com o seu jornal escrevendo o seguinte:

«Eu não pertenceo ao ajuntamento dos jornalistas por isso que estou sózinho e não ha ajuntamentos só d'uma pessoa; eu não pertenceo ao grupo monarchico, porque este me chama revolucionario; eu não pertenceo ao partido republicano, porque este me alcunha de vendido. N'estes termos, não podendo ser nem politico nem jornalista vou fazer-me simplesmente operario, o que talvez venha a ser mais alguma cousa.»

E por isso que a sua obra não



ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO
O grande jornalista do Espectro
(Do Album das Glorias)

luzia aliada motivos e idéas para estatuas, para figuras bem modeladas, como essas do Bussaco, mais cheias de vida, d'alta verdade que as primitivas, em que havia muito da obra d'um amator que era a monge, todas de ingenuidade e de simpezia, com vultos de pastor al ou de mysterios de reiseros.

Bordallo encontrou entre os operarios verdadeiros amigos e por mais de uma vez se platinou com o seu traje de ceramista, a balsa e a zorra, devendo recordar muito as palavras de Herclano quando a elle o caricaturou vestido de moiteiro. «Tom razão — disse o Mestre — é com o unico mister que tenho ganho algum dinheiro.»

E Herclano era o litterato e o o historiador maximo, era politico, e confessava o que tudo o isso lhe deixava em Portugal.

Com Bordallo succedem o mesmo, e se dinheiro ganhou foi como genial operario na fabrica das Caldas, que deve continuar aberta por honra da industria nacional e do artista que se ficou legando um bem glorioso e um bom honrado nome!

Agora a outros artistas compete e consagrar o artista ma-

pertence a nenhum partido e sendo revolucionaria é apenas sua, bem sua!

Essa fabrica das Caldas da Rainha onde, amassando o barro, malteando-o, arrancando e da sua plasticidade formas e requintes, exorcizando na industria volta da louçaria nacional novos modelos, tirando-lhe o brutal, afidalgando-lhe as linhas, pondo notas de simplicidade e de graça nas suas produções, disputando valentemente os preços do mercado, conseguiu vencer e resuscitar essa arte descahida, mostrando um artista portuense a raça dos Pallissy pela perfeição e pela audacia. A Jarra Pflasthoven, que ficou no Brazil, é um mimo do graça, de bebezela e de inspiração com retoques alados d'uma espiritualidade que assombra, com notas bem marcadas, com coizas que são achadas e que bem merecem a chancela do seu nome de artista, hoje saudoso no seu ninho de gloria.

E era elle o mesmo que na a conversa nos marcava com arte as impressões e que sabia, por assim dizer, decorar as phrases, fazelas resar ou i brilhar, tonalisando, matizando como se instinctivamente procedesse a um trabalho de arte, como se deixasse sair dos labios o que o seu espirito creava e que elle applicava na sua tarefa como nas suas pallostras de conversador de exquisito talento.

Toda essa vida de Bordallo, analysada a friamente, agora que elle descança no tumulo, vista sem a paixão que impelle muitas vozes ao exaggero, foi uma vida de trabalho e de lucta, de honrados e de um aturado esforço.



CAMILLO CASTELLO BRANCO
(Do Album das Glorias)

Raphael Bordallo era o que desejava ser no vasto campo das artes. A caricatura mereceu-lhe mais desvelos, mas no dia em que, forçado, acabou de ganhar por ella o pão, lançou-se na ceramica, acordou essa arte mergulhada n'um lethargo e seguindo as pisadas de seu pae, recordando talvez a obra do velho Bordallo, artista requintado e engenhoso, fez-se esculptor e entrou de buscar na sua phan-



O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA
Pae dos grandes artistas Augusto e João Rosa
(Do Album das Glorias)

ximo da caricatura, a outros esculptores compete modelar no barro a sua figura tão expressiva e tão insinuante, essa cabeça tão fina, de linhas tão harmonicas, a outros operarios compete fundir o busto, dar-lhe como um cunho de vida, e a todos nos que o conhecemos compete tomar essa obra toda de consagração ao nosso unido e fazermos-lhe assim a justiça que Raphael Bordallo merece da nossa saudade e da nossa admiração.

Elle fez-se operario e do seu valor ahi está a dizer a ceramica que elle desenvolveu entre nós brillantemente.



O GENERAL MACEDO
Que foi commandante das guardas municipais (Do Album das Glorias)



O XÉ POVINHO
(Do Album das Glorias)

A caridade em Lisboa

(O Asylo das Irmãs das Pobres em Campolide)

—Agora, como o inverno vai rijo e temos perto de quatrocentos pobres, começam a faltar as coberturas!

E a irmã da caridade, alta e magra, vestida no seu trajo negro, com os olhos azues, fixos no chão do jardim, queixava-se amargamente d'essa falta de coberturas para os velhinhos que agora se aqueciam nos raios d'ouro do sol nas varandas do recolhimento.

Da baixa de Campolide vinham silvos de machinas negras que andavam manobrando, a vegetação alastrava manchas nos cabeços do Mousanto, em roda viam-se casinhas claras e n'aquelle canto do jardim, junto a um banco e junto a uma cruz, ouviamos a voz suave e com um sotaque estrangeiro da irmã da caridade que nos narrava a vida do asylo, a missão da sua ordem, sempre d'olhos no chão e com os labios meio abertos n'um sorriso doce e rosnando.



O LAVADOURO

rochedo. Foram as irmãs-nhas que o trataram, que fizeram isto. Arrancaram a pedra e parte d'ella serviu para o edificio, revolveram a terra, firaram tudo isto! . . . E os seus olhos azues enchebam-se de luz e de alegria, vinha-lhe uma satisfação lutina ao dizer-nos aquillo e ao vêr nos nossos olhos o espanto.

Pois tinham sido aquellas mulheres, algumas d'ellas novas e formosas, que só por um grande impulso religioso, levadas pela superior idéa do bem, chegaram a realisar essa obra que contemplavamos?

—Sim. São ellas tambem que vão pedir com a carmelina que conhece.

Volvia o olhar para a carroca que estava sob a alpendrada e acrescentava:

—Somos aqui 24 mulheres, fazemos todos os trabalhos e somos felizes.

Um mugido prolongado veio d'um barracão toco a direita, tivemos a curiosidade de espreitar e vimos tres lindas vacas bem gordas e uma vitellinha que dormia no feno da arribana.

Foi ainda a jovem irmã da caridade que nos disse



O EDIFICIO DAS IRMÃS DAS POBRES

As irmãs das pobres tem casas onde albergam a velhice desprotegida por esse mundo fóra. Só de caridade vivem. E' uma ordem de mendicantes que veio substituir as antigas congregações das religiosas humildes, as freiras descalças. Em Inglaterra como na America, na Italia como em Hespanha, em Portugal como no Mexico, como em Berlim, como em Vienna, existem essas casas que da caridade se mantem e que albergam os velhos, aquella horda invalida que tinham visto além ao sol diante da horta em cultivo, ás leiras, com os seus talhões e com as suas larangeiras d'onde pendiam as fructas e d'um tom vivo, alegre.

Ella dava dois passos mimos na areia do jardim e continuava sempre a sua narração, a historia do seu asylo, a dissermos:

—Em Portugal temos tres casas, a de Lisboa, Porto e Covilhã, todas feitas por este modelo. Deram-nos este terreno. Quando para aqui viemos, o lugar onde hoje está a horta, todo esse terreno vasto que ali vê tratado e que chega quasi á linha do caminho de ferro era um



EA COSTURA

quanto trabalho aquillo dava e a quantidade de leite que todos aquelles velhinhos consumiam. Já fomos de volta por sob uns arbustos que se ligavam por entre madreilvas, e ella, assim alta e cheia de castidade, deixavamos passar e seguimos com as vestes direitas e largas escondendo o busto bem esculpado de mulher fresca.

—Além o lavadouro! E' o que custa mais! . . . Sujam muita roupa, os velhinhos.

No lavadouro calaram-se as vozes a nossa chegada, homens e mulheres, os mais validos, dirigidos por uma irmã de caridade, batiam peças de roupa, metiam as mãos engelhadas na agua cor de leite d'onde vinha um cheiro activo de potassa de sabão. Passámos adiante, n'um canto ajardinado vemos uma Senhora de Lourdes entre plantas floridas, uma bella Senhora de olhos negros e de manto azul como um céu de abril.

—Veem ali rezar as velhinhos pelas tardes — disse ella, a irmã de rosto claro e de voz cheia de suavidade.

O sol era fraco, mas lindo, tudo aquillo se enbebia como n'uma grande ventura, soava vaga e lenta uma oração doce, um côro rumorante se ouvia.

Paramos, ficamos a escutar. Uma voz orava, outras acompanhavam.
— É a oração da tarde!
Abriu rapidamente uma porta, disse-nos:
— Veja!
Vimos e quedamo-nos. Na sala vasta, clara e bem arejada, mulheres velhas, rugadas, rostos de doçilites, umas entredadas, outras quasi cegas, algumas

uma grande caridade, toda de humildade e religião, sustenta o sobre a cabeça do Santo as rosas brancas crescem tratadas pelos velhinhos e são como tributos do seu agradecimento, essas rosas brancas, lindas, de que nos offercem uma emquanto recordamos ainda a voz da irmã da caridade e aquella dolorosa phrase de queixa que nos entristecera.
S. José no seu ninho de rosas pare-



UMA ESPERANÇA

UMA ESPERANÇA



GRUPO DE ARABELOS

quasi sem alento, outras ainda dispostas ao trabalho, rezavam.

Uma irmã de caridade, lá ao fim, dizia a oração, as

velhas repetiam-na. Por terra faziam as obras de costuras, as toalhas que ombinhamavam, as cobertas de retalhos que são destinadas ás escamaratas amplas dos andares superiores.

Sainos d'alli. A irmã que a nos acompanhava ia agora silenciosa. Atravessavamos 1' largos corredores, ella caminhava sem palavra com o o largo rosario batendo-lhe nas saias, as mãos metidas n'umas mangas cruzadas sobre o peito bem disfarçado na recovaiva. Entreviamos camaratas assadas, refectorios, e grandes salas das quaes vinha uma nota de asseio e de o tranquillidade.
— Alem ficam os homens!

É uma installação inteiramente igual á das velhas asyadas, mas onde desaparece o que ha de poesia em tudo que é femilil. Ali ha alguuma coisa de mais bravo, de mais intenso. São invalidos tambem que devoram a sua sopa em grandes tigellas de barro desiguales e ordinarias.

Estendeu o seu braço na a manga larga para a terra bem tratada, o de seguida, nua mesm' voz suave, macia e de sotaque estrangeiro, escielarecon:

— Querem cultivar a horta, a, por força .
Saímos, olhamos a legião de velhos, de invalidos, ouvimos ella dizer-nos de novo:

— Tivhamos ali um jardimeteiro e um hortellão . . . Homens de força . . . Um dia os vrelhinhos juntaramos, vieram até a cella da mãe superiora e pediram-lhe para tomarem a seu cargo a horta . . . Abençoada idéa . . . Parece que até tem produzido mimalis . . .

Já avancamos para esse b lindo pomar onde a herva cresce, esmeraldina e viçosa, e, fomos ao lado da religiosa e paravamos a olhar o trabalho que os velhinhos fazem pagando na medida das suas a forças uma divida de gratidão.

A' entrada da horta, n'um a ninho de verdura, S. José, o patrono da casa, parece atabençoar essa velhice que

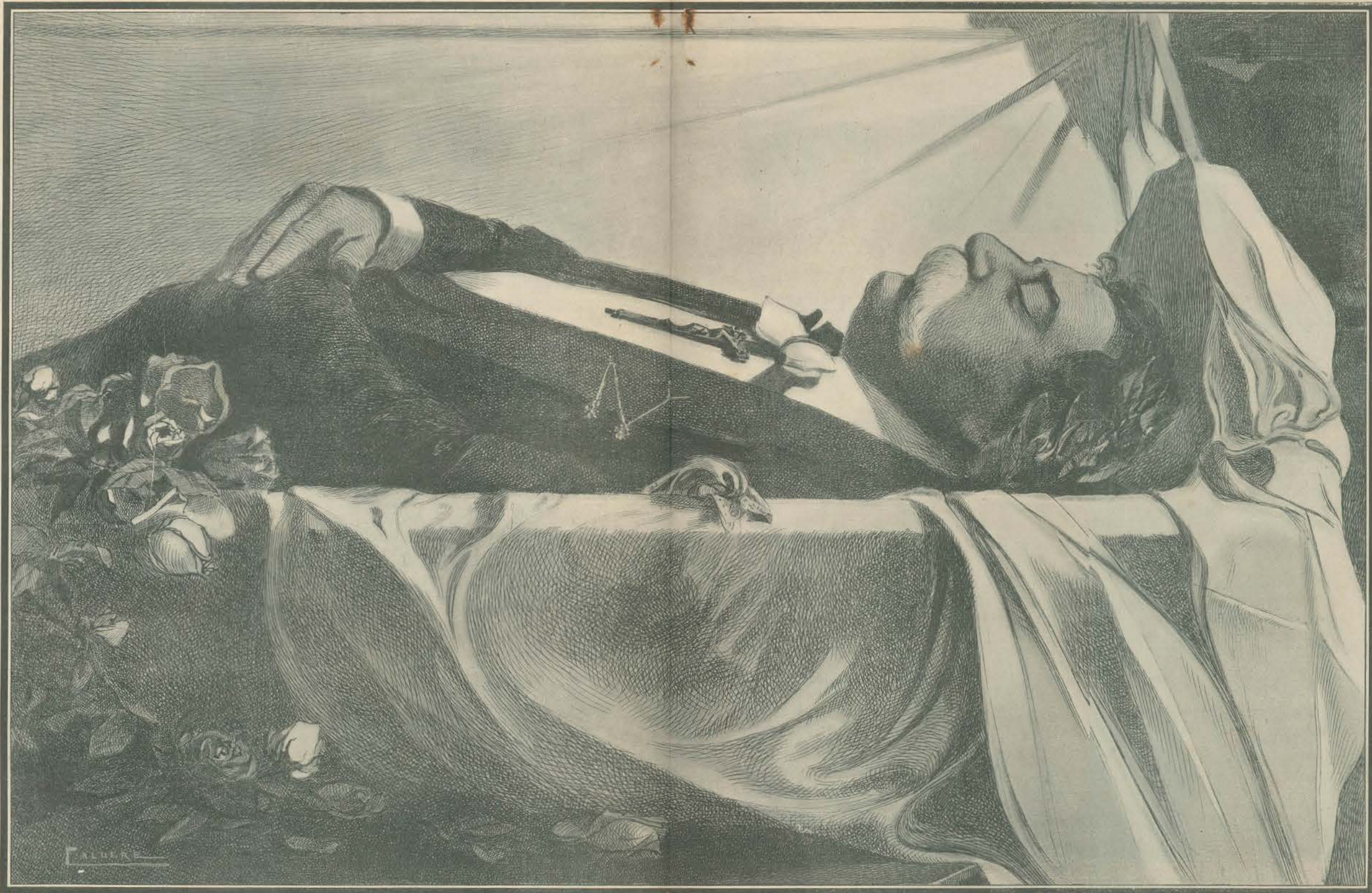
cia abençoar a casa, as velhinhos e as hospitaleiras irmãsinhas que a mantem, que pelos pobres trabalham, que pelos pobres rezam .



VELHINHAS NA ORACÃO



UMA INSTALÇÃO DO FASHION



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO NO CAIXÃO COLLOCADO NA SUA CASA DE TRABALHO HORAS DEPOIS DO FALLECIMENTO

Raphael Bordallo falleceu na madrugada de 25 de Janeiro, após trinta annos de trabalho e de gloria bem merecida. A sua obra d'artista insigne ahí está a assegurar todo o altissimo valor de morto querido, que fóra consagrado n'um grande banquete realizado o anno passado no Theatro D. Maria, e onde compareceram todas as celebidades da arte, das lettras, do theatro e do jornalismo, n'uma mostra de grande respeito e admiracão pelo variatissimo taqente e pelo ceramista

notavel. Após o seu fallecimento o corpo foi collocado na casa de trabalho e logo concorreu ali numeroos amigos e admiradores, que o velaram por treses até á hora do saimento para o cemiterio. scena dolorosa foi essa a imponente manifestacão foi o seu enterro. Os convidados foram a pé até aos Praxeres, seguindo o feretro mudo, d'elles descobertos a desfilarem o cadaver no jaugo do ar, visconde de Faro e Oliveira. Alma bondosa, espirito tudo de carinho e de ternura,

Raphael Bordallo era, além d'um verdadeiro artista, um precioso amigo, e ostentou a sua bondade até aos animaes, querendo-lhes, muito, mas destacando no seu affecto esse gato que todos os familiares da casa conheciam, *O Piro*, e que muitas vezes caricaturou. Esse animal, logo que via acercar no caixão o corpo do artista, jamais o deixou, e até á saída do funeral esteve sempre n'uma verdadeira guarda como se quizesse prolongar a sua companhia, mesmo além da vida d'aquelle que

tanto o apreciava. Raphael Bordallo nasceu em 31 de março de 1846 e além dos trabalhos de cerâmica são notaveis, entre os que se destaca a *Jarra Becharen*, fundos os *Jornais A Berlinda*, *Antonio Maria*, *Pontão nos 11* e *Parodia*, e as publicações *Alam das Glorias* e *Calcanhar d'Achilles*, que foi o seu primeiro trabalho de genio.



UM CARREGADOR



UM LAGO AO LESTE DE MUTANGULA



OS EXTREMOS DA FORÇA MILITAR



FUNDEADOURO DE MUTANGULA



O CAPITÃO JOAQUIM G. GALHARDO
A EXCURSÃO DO CAPITÃO GALHARDO AO ALTO ROVUMA



TRABALHOS PARA A PRAÇA DE MUTANGULA

O capitão Galhardo, que está ao serviço da Companhia da Nyassa, tentou com um pequeno núcleo de homens estabelecer o terreno Namuranda, que fora de posto por insubmitto e que se refugiava na povoação de Latundala, a dois dias de marcha de Rovuma. Ao mesmo tempo aquillo official lusuava informarse da região de Mataca e de tudo quanto dissesse respeito ao valle de Luchuluigo, Fulando com o regulo de Latundala, este lhe disse ter albergado o fugitivo, mas que

desappareceu com as suas mulheres, não conseguindo por isso capturar o regulo, mas explorando toda a região, desde o valle de Luchuluigo até a fronteira allemã e trazendo um caub., que será um grandissimo auxiliar nas negociações que se farão, talvez dentro em pouco, para a construccão de um caminho de ferro n'essas paragens.



A BENÇÃO DA BANDEIRA EM INFANTARIA 16—OS OFFICIAES DO REGIMENTO COM A BANDEIRA

CAPTÃO LEOPOLDO GOMES DA SILVA, CAPITÃO ALFREDO ADELINO TALAUNDA, CAPITÃO JOSE VICENTE DE FERREIRAS, CAPITÃO JOAO ANTONIO CORREIA, MAIOR JOSE FERREIRA DA SILVA JUNIOR, CORONEL ALEXANDRE RUIZ GUERRA DA ROSA, R. VASCONCELOS, TERNTE CHRONEL JUDICE DA COSTA, MAIOR JOSE JUSTINO MOUTILAO ROSIN, TEN. SEIXA, CAPITÃO BOVENTEM DE NORONHA, CAPITÃO JOAO SANCOSO GUITEZES DAS, TERNTE ALDAMAR EDUARDO MIGUEL CORREIA, CAPITÃO JOSE CYRIL ANTONIO DAS, TERNTE JOAQUIM FERREIRA CARLOS, ALFERES JOAO MARTES JUNIO BRAL, ALFERES EDUARDO DO VAL FORTAZA LOPEZ, ALFERES ASTORIS FERRO CARREIRO SARRADO, CAPITÃO NIBEL CERRRINO, ALFERES AMERICU RIVAR DE SOUZA DORES, TERNTE LUCIANO ALVES

DO ROSA, ALFERES JOSE AUGUSTO M. FERREIRA DE SAMPAIO, CAPITÃO MEDICO ALFREDO CARDOSO HANUIA DE BOMBAZ, ALFERES ANTONIO SERRAL DE CARVALHO FERREIRA, SEREN DE MENES HERNANDINO DA COSTA VAS, TERNTE MEDICO JOSE CUSTO MOURIRA XEIRA, SEREN BRAGAÇA, ALFERES JOAQUIM AUGUSTO DOS SANTOS MACULAO, ALFERES ANTONIO VICENTISO MAXIMO DE C. GUIMARAES, ALFERES SEREN, TERNTE JOAO CARVALHEIRA SEREN, ALFERES FRANCISCO MIRANDA RIBEIRO, ALFERES D'ARTE JOSE D'ARREMIAN JUNIOR, ALFERES HERBERT RAYNO LOPEZ TIERES MOUTIERO, ALFERES MANUEL LUIS DOS SANTOS, TERNTE JOSE LOURENÇO D'ALMEIDA.



PAVILHÃO DO LABORATORIO



A FACHADA DA INSTALACÃO



COLLOCANDO OS PENSOS



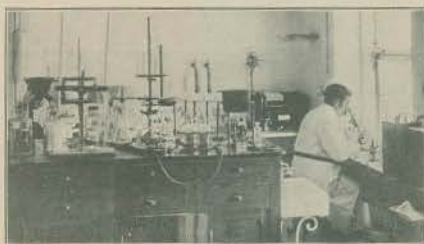
SR. DR. JOÃO ALBERTO PEREIRA AZEVEDO NEVES



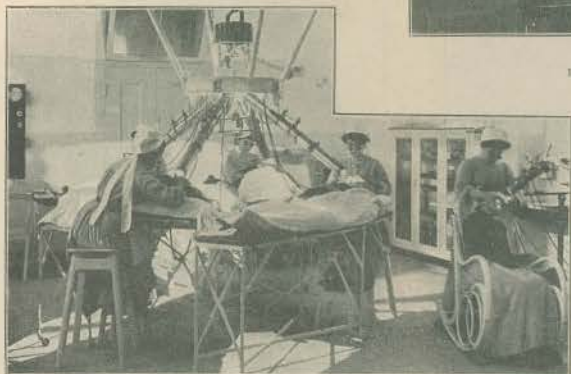
SR. DR. CURRY CABRAL
DIRECTOR DO HOSPITAL DE S. JOSÉ



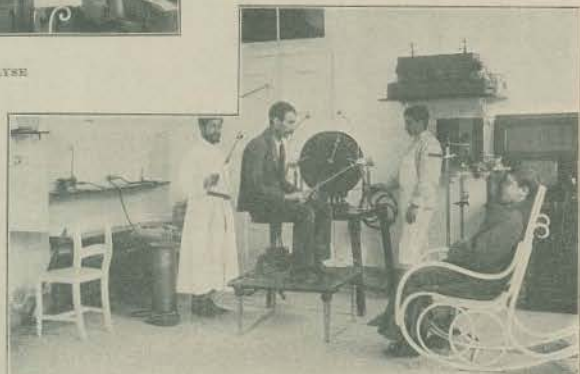
O LABORATORIO



UMA A ANALISE



OS APARELHOS DE FINSEN



O APARELHO DO RAY X

AS INSTALACÖES PARA O TRATAMENTO DO LUPUS NO HOSPITAL DE S. JOSÉ

O lupus designa duas affecções inteiramente differentes, uma que representa a inflammacão das partes constituintes da cutis, e o lupus erythematosus, a outra de natureza tuberculosa, e o lupus vulgar ou de Wilson. E' para o tratamento d'esta doença que se fizeram no hospital de S. José as se installações pelo systema Finsen que o sr. dr. Azevedo Neves foi estudar á Dinamarca. Os doentes de lupus exigem um tratamento geral, que o do da tuberculose pulmonar, e o tratamento especial da lesão que mostram. Além do varios processos antigos ha o dos raios X, sendo porém o do Finsen

sem aquelle que melhores resultados tem dado. Mercê dos esforços do sr. dr. Curry Cabral, director do hospital de S. José, que foi poderosamente auxiliado pelo districto medico sr. Azevedo Neves, existe hoje no hospital uma installação do systema Finsen e do rayo X, que póde tratar 25 doentes, sendo apenas necessario para isso um medico e seis enfermeiros. O lupus tende a desaparecer nos paizes onde o tratamento de Finsen se applica, e oxalá dentro em pouco esteja extinta essa enfermidade, que tantas victimas tem feito, sobretudo nas classes pobres.



D. MARIA AUGUSTA FRONTES BORDALLO PINHEIRO
Mãe de Raphael Bordallo



MANUEL GUSTAVO PINHEIRO
Filho de Raphael Bordallo e seu
companheiro de trabalho



D. ELVIRA BORDALLO PINHEIRO
Esposa de Raphael Bordallo
(Phot. Bobone)



THOMAS BORDALLO PINHEIRO
Professor da Escola Industrial
A Nossa Donizinha, irmão de
Bordallo (Phot. Bobone)



MANUEL MARIA BORDALLO PINHEIRO
Pae de Raphael Bordallo, escultor e pintor
de talento



FELICIANO BORDALLO PINHEIRO
Leite da Escola do Exército,
irmão de Bordallo Pinheiro



D. ELVIRA FRONTES COLMEIRO
BORDALLO PINHEIRO
Irmão de Raphael Bordallo
(Phot. Bobone)



D. MARIA JOSÉ BORDALLO PINHEIRO FRONTES, D. MARIA AUGUSTA BORDALLO
PINHEIRO, D. AMÉLIA BORDALLO LOPES
DE MENDONÇA, D. PHILOMENA BORDALLO TRAVASSOS VALDEZ
Irmãs de Bordallo Pinheiro



D. HELENA BORDALLO PINHEIRO
Filha de Raphael Bordallo
(Phot. Arnaldo da Fonseca)



DR. MANUEL BORDALLO PINHEIRO
Médico, irmão de Raphael
Bordallo

OS MEMBROS DA FAMILIA DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



O ENTERRAMENTO DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO CHEGANDO AO CEMITÉRIO DOS PRAZERES



O JAZIGO DOS VISCONDES DE FARO E OLIVEIRA ONDE FICOU DEPOSITADO O CORPO DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Dr. Francisco Barahona

O dr. Francisco Barahona foi um verdadeiro benemerito, um amigo da arte e dos artistas o que durante uma vida colleccionou maravilhas no seu palacio d'Evora onde agora falleceu. Aquella residencia é um verdadeiro museu e dia a dia elle o ia enriquecendo com varios trabalhos encomendados aos nossos primeiros pintores e esculptores, agora um quadro, logo um busto, amanhã uma estatua, formando uma das mais bellas galerias de Portugal e fazendo a existencia d'um dedicado cultor da fortuna e da belleza.

Filho d'uma raza fidalga, herdeiro d'um nome nobre, o dr. Barahona pelo caracter e pela intelligencia maiores pergaminhos ganhou. Em Coimbra formou-se em direito com *in nemine discrepante*, recolheu-se depois ao seu solar proximo de Cuba e ali comecou tratando da sua lavoura, casando em maio de 1887 com a sr.^a D. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho, viuva do abastado lavrador José Maria Ramalho. Em sua casa o opulento proprietario recebeu varias vezes a visita da familia real. El-rei D. Luiz com a senhora D. Maria Pia, o senhor D. Carlos e a rainha senhora D. Amelia, então duques de Bragança, foram ali pela primeira vez em maio de 1889 e durante quatro dias houraram a casa do dr. Barahona. Algumas vezes os soberanos voltaram a visitá-lo, principalmente o senhor D. Carlos que era muito seu amigo. Foi-lhe offerecido em diversas occasiões um título nobiliarchico que nunca aceitou, sendo apenas officialmór da casa real, e ar do reino desde 1889. Na galeria do seu magifico palacio



DR. FRANCISCO BARAHONA

(Phot. de Rebout)

encontram-se, além de quadros, os bustos dos mais notáveis escriptores portuguezos, devidos a etuzeis illustres. Lá estão Almeida Garrett, Pinheiro Chagas, Antonio Ennos e Lopes de Mendouça; Taborde e João Rosa também ali tem bustos e na sala que denominou *Arte Portuguesa* existem trabalhos de quasi todos os pintores nacionaes e um maravilhoso desenho de sua magistral a rainha e que representa o convento da Graça e as torres da Sé d'Evora. Este bello trabalho foi feito da janella do aposento que S. M. occupou no palacio Barahona, uma das suas ultimas viagens a Evora. Recordações d'ontros membros da familia real existem tambem n'esse palacio, havendo uma colleção de desenhos do rei D. Fernando, da infanta D. Antonia e o retrato do marquez d'Alvito feito pelo fidalgo rei D. Luiz.

Evora muito deve ao illustre extincto, que foi durante muitos annos presidente da sua camara municipal. O theatro Garcia de Rezende, um dos melhores do paiz, foi feito a expensas suas, sendo decorado pelos nossos principaes artistas. Representou-se na inauguração do theatro *O Tullio*. Ao nosso prezado amigo o illustre escriptor Eduardo Schwalbach, intervelado pela commanhia do theatro normal. A cidade soube ser grata ao oulento lavrador e ao tor nottela da sua morte em 25 de Junho encerrou os seus estabelecimentos e todos os habitantes acompanharam o cadaver até ao cemiterio. Os nobres pertencem um excellentes hauefelle e as artes um dos seus mais devotos amigos, com o fallecimento do dr. Francisco Barahona.



MOISES CARBONERO

É um dos grandes pintores hespanhoes e o seu nome é conhecido em toda a Europa. Esteve ha pouco em Lisboa acabando um retrato da sr.^a marquesa de Villa, ministra de Hespanha. Carbonero tem perto de 60 annos, nasceu em Malaga e nos seus bellos quadros destacam-se os episodios da vida de D. Quixote, alguns dos quaes são tidos como obras primas, assim como *A Defesa do Compañero*, brillante trecho das luctas contra os francezes em Hespanha.



A CASA DO LARGO DA ABRGOARIA EM CUJO 2.^o ANDAR FALLEceu RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



D. JOSÉ AGUARDOU QUE AS PLUMAS DO CHAPÉU DE LORENZA SE PERDESSEM AO LONGE

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

—Ser neto de Luís XV!

D. José calou-se por um momento, olhou em redor, pensativo, viu o rosto empalidecido de Lorenza e estremeceu ao seu olhar angustioso de supplica. No mais profundo do seu coração, uma voz amorosa intercedeu por ella.

O soldado voltara a fazer a guarda, na avenida. O penacho vermelho da sua barretina parecia, ao longe, junto da cascata do parque, uma grande flor entre a folhagem verde das arvores. Luiz de Miranda, silencioso, olhava os jarros de agua do jardim, que o sol fazia resplandecer, como jactas de prata liquefeita.

Então D. José aproximou-se de Lorenza, segurou-lhe na mão, que o terror estriara como um marmore humido, e levando-a pela ponta dos dedos até ao duque, disse:

—Senhora condessa de Cagliostro, o senhor duque de Lafões acompanhava-a na visita aos jardins! Lorenza voltou os olhos implorantes para Cagliostro. D. José teve um leve movimento de cabeça.

O conde ficou commigo.

E indicando o velho duque e o coronel do regimento de Cascaes, acrescentou:

—Confiem a dois valerosos soldados, condessa! Desejo que um passeio nos jardins d'Arinida faça voltar a cor ao seu rosto.

Lafões recebeu da mão de D. José a mão de Lorenza,

beijou-a devotamente, e debruçando-se sobre o hombro de Cagliostro, segredou-lhe a passagem:

—Quando fór a occasião dia estocada, conde, eu o prevenirei!

CAPITULO X

O COLLAR DA RAINHA

D. José aguardou, pensativo, que as plumas do chapéu de Lorenza e a cabellinha empanada do duque de Lafões se perdessem ao longo, n'uma das ruas transversaes da avenida.

Ergeu então o braco, indicou a Cagliostro a rotunda espacosa, de onde se podiam vigiar as proximidades, e em passos rapidos attingiu a clareira.

—E' preciso justificar-se, conde! Em Queluz tambem ha um carcere!

Cagliostro sorriu.

—Alteza, ou dei-me excellentemente na Bastilha!

D. José cresceu agitadoamente para elle.

—Conde, em tenho direito a interrogalo, a saber quem é e o que me quer! Como conde de Stephanis o recebi! Como conde de Stephanis lhe ouvi, ha um momento, revelações fabulosas, que continham ameaças á minha vida e claramente deixavam entrever que se conspira na corte contra mim! Como conde de Step-

hanis o acreditei! Como conde de Stephanis o escolhi, entre amigos provados e leaes, para me auxiliar e defender! Que garantias espera dar-me da sua dedicação e da veridade dos seus avisos, conde de Cagliostro?

—Senhor, desinteressadamente me offereci para servir Vossa Alteza. Nada pedi. Justo é que eu negue a Vossa Alteza o direito de me interrogar! Que importaria o meu nome? Sou um homem obscuro e anónimo, aventureiro ou sabio, charlatão ou fidalgo, que se interpõe, voluntariamente, entre uma conspiração e a vida de um príncipe! Supponha Vossa Alteza que o atacavam n'um caminho ermo, encontrando-o desarmado e sem committa, e que me viandante, caminheiro ou mendigo, orfão e sem santo, fidalgo ou vilão, indo a passar, tomava o partido de Vossa Alteza e arriacava a vida para o salvar. Por ventura lhe recusaria Vossa Alteza o auxilio, por não saber o seu nome?

—E' differente, conde!

—E' a mesma coisa, Alteza! Nada me poderá, a estas horas, deter, a não ser a prisão! E ainda assim, mesmo encarcerado, eu não ficaria ocioso. Pode Vossa Alteza prender-me, para que mais livremente o victimem! A minha voz ha de atravessar paredes de carceres e ameaçar os assassinos!

—E que pôde o conde, sozinho, em terra estranha, por mim, contra um partido inteiro, poderoso e occulto?

—Senhor, a formiga faz desabar uma casa!

—O Intendente vinha preveni-me talvez da conspiração!

—E' falso, Alteza! O Intendente vinha denunciar-me, a mim!

—Como o sabe?

—Porque elle m'o disse! Chegou tarde o Intendente, Alteza! Se houvera chegado mais hora antes, Vossa Alteza estaria irremediavelmente perdido! Só um estrangeiro e um anónimo, só um santo ou um aventureiro, serve um príncipe na adversidade! O Intendente ainda não perdeu as esperanças de ser ministro!

—Alguns dias se teve, por ventura?

—Como um reptil, que quer voar, senhor! E não duvidou, para isso, morder a mão do benefactor, que o protegeu! A ambição á descaeravel, Alteza! O ambicioso posta-se na vida, como o assassino na encruzilhada: de espada ma! Se o estorvo passa ao alcance do ferro, o braco estendendo-se, a lamina acutilada, a espada, salta! O Intendente planejava succeder ao Marquez, Alteza! O esbirro tentava substituir-se ao juiz! O verme queria occupar o lugar do gigante!

—A prova? —exigiu D. José, com alvoroço.

Cagliostro desaperrou duas botões da vestia, arrancou de seio um papel e estendeu-o ao Príncipe.

—Ei-la!

Era a famosa carta do Intendente á Rainha, subtrahida de entre os papéis de Francisco Gillos, em que Pina Manique, com termos enredados, proprios a ferir imaginações de mulher, se offerecia, como confidente dos segredos do Estado, para exceptar da vontade da soberana e do partido da egreja e da nobreza. N'essa carta, a obra do Marquez era julgada periculosa á segurança da coroa, ao respeito de Deus, ao interesse da nobreza.

—Senhora—assim terminava,—o actual governo é o

de uma republica, presidida por um dospota. Destroando o tyranno, fica só a republica.

Leoa D. José, afogado o tromulo, acabando por amarrotar-lhe as mãos, nervosamente.

— Agora comprehendendo de onde provieram os poderes descriptoriaes, os altos cargos, as numerosas honras e o desmedido imperio d'esse ingrato!

— Reparar, senhor, que a carta é cautelosa e n'ella se trata com o respeito devido o marquez...

— Que ainda não fóra demittido! Ainda não esfriara o cadaver de meu avô!

— Póde ser falsa a carta...

— Procura defendê-lo, conde?

— Senhor, procuro a paz da minha consciencia!

— Julgas falsa?

— Senhor, não! En julgo-a verdadeira!

— Para que então essa tentativa debil de defeza?

— Podia eu, que não conheço os homons do Portugal, enganar-me!

— Os homons de Portugal! Vê, conde, estes melros, que parecem dançar sobre os ramos das arvores, desde manhã á noite a assobiar! Assim são os homons do Portugal! Como os melros, logo deixam de cantar e se perseguem, furtivos e hostis, mal um levanta vôo, com um verme no bico!

— O homem é um animal de egoísmo e de inveja, Alteza!

— O homem é um animal devastador e ingrato! Quem quer que seja, conde, proximo em si um mysterioso amigo! As suas palavras resoaram no meu coração. Os persignidos são hoje meus irmãos! Quer seja a desventura ou a felicidade que me venha de si, entrego-lhe a missão de descobrir e punir os meus inimigos! Autorizo-o a empregar em meu serviço todas as diligencias, O conde será a vista ponetrante da minha viuçança, para indagar, vigiar, espreitar a traição.

— Serêi o braço para a exterminar, Alteza!

— Sobretudo, a vista para a descobrir, conde!

— Partirei para as Caldas, a procurar-lhe!

— Sim, para as Caldas. Mas antes, conde, para tranquillidade minha e sua, para que eu seja forte a defendê-lo, quero saber a historia clandestina do collar!

— Sei que é um inimigo perigoso. Antes de partir, deixe-me a certeza de que é um amigo desinteressado. O nome de Cagliostro é um nome fatal ás monarchias. E' sob um mau horoscopo, que vou tentar salvar a minha corôa! O principe de Rohau accusa-o, conde! E' um testemunho fulminante!

— Não quero mal aos homons que soffrem e o cardeal de Rohau soffre...

— A rainha de França expulsou-o, conde!

— Os olhos de Cagliostro fulguraram, como rotinas do fóra.

— Sem mais demora vou contar a Vossa Alteza a historia do collar!

D. José relaxou-se a vista pelas tres avenidas, que partiam da rotunda, examinou os jardins desertos, onde só as sentinellas, ao longe, faziam a guarda do palacio; e sentando-se n'um dos bancos de marmore, apoiado no bastião, cruzou a perna, ergueu a cabeça, estendendo a mão fina n'um gesto tranquillizador.

— Pronto a maior attenção, conde.

Cagliostro teve um suspiro fundo, deu alguns passos, estava em frente de D. José, com os braços cruzados.

— Faz em setembro sete annos, que conheci o senhor cardeal principe Luiz de Rohau, grande esmolero de França, bispo de Strasburgo, landgrave da Alsacia, provedor da Sorbonna e commendador da ordem do Espirito Santo. Chegando de Francfort, de uma longa viagem pela Europa, tinha escolhido Strasburgo para descansar. Recebeu-me o povo com aclamações, como á um homon esta pouca sciencia grançeira, por esse tempo fama de misenico! Tanta é a realidade humana — tão cega como a sua desconfiança! Para me furtar a curiosidades importunas, afetei-me modestamente em casa de uma velha croada de um conego de São-Pedro-Velho. Todos os dias, para me distrahir e occupar um tempo ocioso, visitava alguns pobres e doentes, tratando-os das molestias e procurando suavisa-lhes a miseria. N'esse tempo feliz, Alteza, apenas conheci um inimigo — o sabio Chistovão Meiners, professor da Universidade de Gotingue, que procurou desacreditar-me, como medico, sob o pretexto de que um homon opulento, que professava a medicina sem remuneracão dos seus doentes, era um charlatão! Por esse inimigo, sobreviram-me os amigos. O marechal de Contades, o marquez de la Salle, o conde de Lutzelburgo, os barões de Dumptier e Tronantall, a baronesza de Reich, o professor Ekmann distinguiram-me com a sua amizade. O grande Lavator vinha de Zurich a Strasburgo para me visitar.

— E o cardeal de Rohau? — perguntou D. José, impaciente.

— O cardeal estava no seu palacio de Saverne, onde fizera construir laboratorios, gabinetes de physica e historia natural, occupado em colleccionar missaes com illuminuras e em procurar a pedra philosophal. Eu vivia modesto e tranquillo, quando inesperadamente o cardeal, tendo adoecido com asthma, se fez transportar em liteira ao paço episcopal e me mandou chamar...

— E logo o fui vêr?

— Não, Alteza! Mandei dizer a Sua Eminencia que, se estava doente, chamasse a seu medico; e se a elle me preferisse, que a mim, em minha casa, me devia procurar, e não eu a elle no seu paço.

— E o cardeal...?

— Veio.



CAGLIOSTRO ESTACOU EM FRENTE DE D. JOSÉ, COM OS BRAÇOS CRUZADOS

— E entrou o?

— E entrou-o. A aclamação provyem de uma inflammação nos bronchios. Tratei-se com Y fumigações balsamicas. E' um milagre ao alcance de todos os empiristas...

— Foi, então, grato á sua sciencia!

— Que Sua Eminencia se é digno aceitar o presente que lhe fiz de um diamante a avaliada em vinte e cinco mil libras.

— Que o cardeal lhe offerecesse?

— Perdão, Alteza; que eu t'offereci a Sua Eminencia, como esta manhã tive o prazer de offerecer ao Intendente cem libras de ouro, como esmola para a Real Casa Pia.

— Esta manhã? — murmurou D. José, assombrado.

Cagliostro fez um gesto affirmativo, e um novo suspiro dilatou o seu peito, tão profundo que o Principe estremeceu.

— Estranho homon era o e cardeal de Rohau, senhor! Verdadeiro rei do clero, exercea com espantoso fausto essa supremacia! A alva de rendas, bordada com as suas armas, com que officava em Y Versailles, custara cem mil libras! Em Strasburgo, no seu paço, serviam-no quatorze escudeiros á mesa e vinte e o cinco lacaios nos aposentos! Nasceu, como o cardeal de Retz, com uma alma tão pouco ecclasiastica quanto possível, o cardeal de Rohau tinha as brillantes qualidades e os grandes defectos de um prelado, que fóra embaixador de Luiz XV. Espirituoso, affavel, erudito, desejoso do agrado, mesmo aos seus inferiores, generoso até á prodigalidade, bom até á

fraqueza, caridoso sem discernimento e sem medida, dando quasi tanto aos seus pobres de Strasburgo como ás suas amantes do Paris, sincero até á inconveniencia e prodigo até ao desvario, o cardeal tinha todos os vicios do seculo e todas as virtudes da humanidade! Por isso eu o estimava, lastimava e aconselhava! Estando, pela minha preponderante situação n'um conarrio, no segredo das grandes conspirações contra a monarchia, procurei obter o cardeal a arbitrio dos destinos da França, entregando-lhe a sorte da dynastia. Quis que fosse elle o seu salvador e o medianteiro entre as exigencias do povo e a intransigencia do paço. Mas o cardeal ouviu que eram sonhos as minhas prophacias e quando, no anno seguinte, parti para Paris, com o protexo de tratar o Principe de Soubise, eu ia, na verdade, Alteza, cumprir maiores destinos: ia procurar impedir a Revolução!

— A Revolução! — repetiu D. José pensativo.

— A Revolução, que já hoje nenhuma força humana poderá detêr! A Revolução, que está imminente e asombrará o mundo! Durante tres annos, secretamente, eu procurei o remedio que poderis salvar a monarchia. Mas encontrou-a já minada por uma doença mortal. Só uma mulher poderia fazer o milagre...

— Era a Rainha, conde?

FOLHETIM N.º 23



DR. MANUEL DA SILVA GAYO

SECRETÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Os *Ultimos Crentes*, livro recentemente publicado por este escriptor, já conhecido por trabalhos anteriores, é uma formosa obra de concepção e de estylo e que fixará definitivamente nas letras portuguezas o nome do seu auctor.



Sr. LUIZ CAETANO LUZ

É o novo visconde de Coruche filho do fallecido possuidor do mesmo titulo e herdeiro das suas bellas qualidades de coração e de intelligencia. Proprietario e agricultor distincto, vai continuar sem divêrta a bella obra de seu paes a quem a agricultura nacional tantos serviços deveu.



DR. TAVARES CHAVES

Fallecido em 21 de Janeiro



MANUEL FRANCISCO D'OLIVEIRA
Alferes de Infantaria morto na guerra dos cubanos. É o autor official victima n'essa campanha cujo retrato não fôra ainda publicado.



D. RAYMUNDO VILLAVERDE

Novo presidente do conselho de ministros de Hespanha

CHRONICA ELEGANTE

Uma das cousas que presentemente constitue o verdadeiro *cachemir* das senhoras distinctas e elegantes na perfeita accepção de palavra é a allieção de imitações que affluem por toda a parte e em todos os generos.

Actualmente fabrica-se *faux-marthe*, *faux-renard*, *faux-hermine*. Nos estylos da *toilette* o do mobiliario adopta-se *faux Louis XV*, *faux Empire*, *faux Henri II*, amalgamando muitas vezes os diversos estylos da maneira mais audaciosa.

! No capitulo 'Joias a febre da imitação' che-



FIGURA 1

ga a attingir as raizas do delirio.

Hoje em dia ninguem deixa de ter *brillantes*, cuja proveniencia duvidosa é totalmente indifferente.

Naturalmente otoo excesso de luxo fingido havia de produzir uma reacção que começa justamente por se manifestar nas pessoas da mais requintada elegancia e artistico bom gosto. Essas, continuando sempre a usar joias que são o complemento indispensavel das *toilettes* luxuosas, tomam posto de parte a *quantidade*, para só pensar na qualidade; por isso o *bijou artistico* é hoje considerado como do maior valor. As *pedras* dos *brillantes* são substituidas pelo fio de ouro quasi invisivel que fecha adiante do pescoço com duas ou tres pedras de incalculavel preço.

Por vezes acrescenta-se a este singelo collar um pingente formado por uma só perola branca, preta ou cor de rosa.

A preoccupação das senhoras distinctas é imprimir na sua *toilette* e nos objectos valiosos que usam um *cachet artistico* e uma nota intelualmente pessoal.

É notavel observar que é nos grandes centros mundanos que se seguem as modas com menos rigor; as verdadeiras elegantes estudam a sua physionomia, a sua figura e o seu typo e investem as modas proprias a fazer realçar os seus dotes naturaes, acompanhando as evoluções da *toilette* tanto quanto é necessario para não parecer *démodes*; cingindo-se contudo sempre ao typo que adoptaram.



FIGURA 2

Nas *toilettes* de noite os vestidos de seda tulle, e gaze ou *mouseline* bordados a perolas fazem furor; no entanto para conservarem o cunho verdadeiramente distincto é preciso não forçar a nota empregando perolas em demasia.

Uma das formas mais graciosas de collocar as joias é semear brochos, ramos, travessões, etc., sobre um *cacheo berbe* em velludo escuro que emoldura o decote.

Os *colliers de chien* ou gargantilhas de *brillantes* enrolam-se com tulle da cor do vestido o collocam-se em volta do *chignon*, rematando com *aigrette* de *brillantes* e plumas ou *aigrette* de penas.

FIG. 1 — *Toilette* de noite em *mouseline* de seda *noire* bordada a perolas e ouro.

FIG. 2 — *Collier* em *chinchilla* *rose* guardado de *passagem* *interie* de seda *gris argent*.

FIG. 3 — *Toilette* de recepção em velludo *quadrillé vert saule* com *ruches* de seda *Liberty* e *gipure rose*.



FIGURA 3

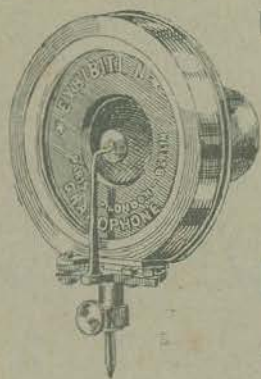


AVISO IMPORTANTE

A Companhia Franceza do Gramophone, tendo conhecimento de que appareceram no mercado DIAPHRAGMAS que são completamente diferentes dos da referida companhia não só na qualidade como nos effeitos dos sons, etc., etc.: pede aos senhores revendedores e demais clientes que exijam sempre sobre os DIAPHRAGMAS os seguintes dizeres:

GRAMOPHONE & TYPEWRITER, LTD

PARIS BERLIM
LONDON



Preço do diaphragma
perfect EXHIBITION

7\$500 RÉIS

AGENTES EM LISBOA

C. CALDERON, *Rua dos Fanqueiros, 300*
EDUARDO BAPTISTA, *Rua do Ouro, 17*

LEOPOLDO WAGNER, *Rua do Ouro, 75*
SANTOS DINIZ, *Proça dos Restauradores, 52*

NA PROVINCIA

Arthur Barbedo, *Rua Mevísinho da Silveira, 310, 1.ª, Porto.*
Annibal Dias Saraiva Mora
Manuel Antonio Maneiro Gomes, *Braga*

COMPANHIA FRANCEZA

GRAMOPHONE

Rua Garrett, 47, 2.º

LISBOA



A. VIEIRA DA SILVA - ALFAIATE DA ELITE

28, Praça dos Restauradores, 28 — (Avenida Tailor) Palacio Foz, Lisboa

Succursal na Figueira, Rua Bernardo Lopes, em frente do Casino Peninsular

Fazendas de alta novidade e finissimo gosto e mais artigos de luxo para homem

O MELHOR DIGESTIVO — TONICO — NEVROSTHENICO

VITALOL

DE
Meyrelles & Moura Brasil

A clinica — o superior tribunal da ciencia — tem subscrito o valor curativo do VITALOL nas molestias onde ha perda de phosphoros (Tuberculose — Etilicos — Iyemepia — Neurasthenia — Infirmitade geral — Semplice — Catabolico organico e intelectual) — Digestões ruinses — Impotencia — Supremacia — etc.

DEPOSITOS

Rua de Janeiro, Rua S. Pedro, 59 — Rua Goncalves Dias, 71
Bolsa, Drogaria America
E EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS



Perola Thesouro do Estomago

PREPARAÇÃO DE

LUIZ DIAS AMADO PHARMACEUTICO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

GRANDE EXITO!

Este preparado não contém toxico algum e cura rapidamente todas as doencas do estomago. Pella virtude que o precimonstante chama-se para elle a attenção dos melhores medicos que tem a observação e a experiencia e que seio effizicos pela sua extracção da sua formulação e manipulacão para a pratica. He sempre as dadas do estomago logo que se toma a primeira dose. He realica e se mais doentes desaparecerem com o seu emprego, fortalecida a funcção dos fermentos digestivos e distantes fermentos importante transformando as bebidas, tornando-as salubres e certas assimilar-se, a propria fermentação as carnes, a pasteurização res-poluendo as gorduras, sendo-se digeridas. A temperatura normal a digestão realisa-se independentemente da vontade do individuo. — A Perola Thesouro do Estomago contém ainda principios anargos reconhecidos como tannino effizicos. Acor o appetito e faz desaparecer rapidamente as dores de cabeça e os cofortamentos do estomago, as GASTRALGIAS, a dyspepsia, a diarrheia, os excessos de acido, doçando os micturios fracos e as funcções estomacales. Actuando sobre o sistema nervoso acalma os nervos, como por exemplo, fazella passar o insulito doente do inferno a gloria, e que justifica o epitheto thesouro de...
PREÇO DO FRASCO 12200 réis

PEROLA THESOURO DO ESTOMAGO =

Deposito geral: Pharmacia Dias Amado — 50, Rua do Carmo, 52 — E. em todas as pharmacies do pais

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Tem-se a dia 1. do presente de 1907 sendo prestada em Lisboa a tarifa especial interna n. 43 da primeira velocidade (110 — 30 de centos velocidade) com-tando diversas disposições relativas ao transporte de mercadorias voluminosas e de peso leve, de maxima dimensão de 5000 e 10000 kilogrammas, que possam ser carregadas em 20 vagões de volumes que excedam, para do emprego de mais de um vagão, de volume superior a 100 metros cúbicos e de comprimento de mais de 100 metros. As condições e regulamentos applicáveis ao transporte de mercadorias voluminosas e de peso leve, encontram-se, assim, nos regulamentos e no regulamento de 1906. Pello director geral da companhia o engenheiro architecto, Antonio Luciano S. de Carvalho.

Intenção de solicitar para transporte de cestas na decima de dez mercadorias a que se applicará a tarifa especial E. P. n. 4 — primeira velocidade (110 — 30 de centos) para o transporte de cestas, cestas, desde 1 de Fevereiro de 1907 as seguintes para transporte de cestas, cestas, cestas e de cestas. As condições e regulamentos applicáveis ao transporte de cestas, cestas, cestas e de cestas, encontram-se, assim, nos regulamentos e no regulamento de 1906. Pello director geral da companhia, o engenheiro architecto, Antonio Luciano S. de Carvalho.

NESTLE

FARINHA LACTEA

ARTISTICA ENCADERNAÇÃO

Brilhantes copias em percalina encadernada, a ouro e cores, superiormente illustrada por Sousa Silva, como indica o desenho junto, para a encadernação de cada semestre da notavel revista a

ILLUSTRACAO PORTUGUEZA

Cada e respectivo indice, para cada semestre 700 réis.

Os assignantes das terras em que não houver box officina, podem obter a encadernação luxuosa de cada semestre da bella revista, pela quantia de 14250 réis assim distribuidos

Capas	700 réis
Encadernação	300 réis
Parte de cambio de letras	150 réis
Embalagem	100 réis
Total	14250 réis

Para isso deverão enviar os respectivos vales-plaza á Empresa d'O Seculo - Lisboa — bem conditionados, remetendo a quantia referida em vale do correio ou carta registada.

ILLUSTRACAO PORTUGUEZA

ILLUSTRACAO PORTUGUEZA

EMPREZA O JORNAL O SEculo

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Accções	360.000\$000
Obrigações	338.570\$000
Fundo de reserva e de amortisação	205.000\$000
Réis	903.670\$000

SEDE EM LISBOA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianella e Sobralinho (Thomar); Penado e Casal d'Armio (Louzã), Valla Maior (Albergaria-a-Velha)

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispoñe dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria

Tem em deposito grande variedade de papel de escripta, de impressão e de embrulho

Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade, de papel de machina continua ou redonda e de forma

Formee papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do pais, entra as quasi Diarios do Governo, O Seculo, Diario de Noticias, Jornal do Commercio, Diario Illustrado, Correio da Noite, Tardes, Valle da Tarde, Mundo, Voz do Operario, Novidades, Liberal, Jornal da Noite, Debate, Avante, Touris, Parodia-Carnada Portugueza, Gazeta dos Caminhos de Ferro, Via-Ferrea, Pátria, Jornal de Noticias, Primeiro de Janeiro e muitas outras de Lisboa, Porto, provincia e illas

Escriptorios e depositos } Lisboa — 270, Rua da Princesa, 276
Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 151

Endereços telegraphicos: Lisboa — Os papalhas PRADO — Porto — Prado — Lisboa — Numero telephonico 600

VINHOS ESPUMANTES

ASSOCIAÇÃO VINICOLA

VINHOS ESPUMANTES

ASSOCIAÇÃO VINICOLA

AGENTES EM LISBOA: SANTA JERONIMA 16 - A. DEFEU